

## Educação popular, cultura e democracia: reflexões acerca da universidade popular camponesa do Timor-Leste

Samuel Penteado Urban<sup>1</sup>  <https://orcid.org/0000-0002-0037-5270>



Correspondência ao Autor  
<sup>1</sup> Samuel Penteado Urban  
 E-mail: [samuelurban15@gmail.com](mailto:samuelurban15@gmail.com)  
 Universidade do Estado do Rio Grande do Norte  
 Mossoró, RN, Brasil  
 CV Lattes  
<http://lattes.cnpq.br/4616433658788380>

Submetido: 23 fev. 2021

Aceito: 01 set. 2022

Publicado: 27 jan. 2023

 [10.20396/riesup.v10i00.8664664](https://doi.org/10.20396/riesup.v10i00.8664664)

e-location: e024035

ISSN 2446-9424

Checagem Antiplágio



Distribuído sobre



### RESUMO

**Introdução/Objetivo:** O presente texto busca refletir sobre o Instituto de Economia *Fulidaidai-Slulu*, compreendendo-o como uma universidade popular camponesa do Timor-Leste por meio da relação entre Educação Popular, cultura e democracia. **Metodologia:** Destaca-se que a presente reflexão apenas foi possível em função de minha experiência junto à construção do currículo dessa universidade camponesa, quando, em 2013, realizei atividades junto à Cooperação Brasileira no país leste-timorense, e num segundo momento, em 2017, quando atuei como docente do instituto como atividade do meu doutorado sanduíche junto a Universidade Nacional de Timor *Lorosa'e*. **Resultados/Conclusão:** Acerca dos resultados e conclusões, destaca-se que, não havendo uma desvinculação entre formação de mão de obra e formação humana, o instituto põe em prática a Educação Popular como expressão da cultura rebelde, atuando junto ao processo de conscientização dos camponeses, sendo que os próprios membros da União dos Agricultores de Ermera (UNAER) são também protagonistas desse processo educativo, atuando na disseminação e desenvolvimento de uma economia e de uma tecnologia ligada a outro modelo societário (democrático).

### PALAVRAS-CHAVE

Educação popular. Universidade. Campesinato. Timor-Leste.

## Popular education, culture and democracy: reflections on the peasant popular university of Timor-Leste

### ABSTRACT

**Introduction/Objective:** This text seeks to think on the Fulidaidai-Slulu Institute of Economics, understanding it as a popular peasant university in Timor-Leste through the relationship between Popular Education, culture and democracy. **Methodology:** It is noteworthy that the present reflection was only possible due to my experience with the construction of the curriculum of this peasant university, when I carried out activities with Brazilian Cooperation in the East Timorese country (2013), and in a second moment, in 2017, when I worked as a professor at the institute as an activity for the part of my doctorate at the National University of Timor Lorosa'e. **Results/Conclusion:** Regarding the results and conclusions, it is noteworthy that, in the absence of a disconnect between the training of labor and human training, the institute puts into practice Popular Education as an expression of rebel culture, acting alongside the process of raising awareness among peasants, the members of the Peasants Union of Ermera (UNAER) are also protagonists in this educational process, acting in the dissemination and development of an economy and technology linked to another societal model (democratic).

### KEYWORDS

Popular education. University. Peasantry. Timor-Leste.

## Educación popular, cultura y democracia: reflexiones sobre la universidad popular campesina de Timor-Leste

### RESUMEN

**Introducción/Objetivo:** Este texto busca reflexionar sobre el Instituto de Economía Fulidaidai-Slulu, entendiéndolo como una universidad popular campesina en Timor-Leste a través de la relación entre Educación Popular, cultura y democracia. **Metodología:** Es de destacar que la presente reflexión solo fue posible por mi experiencia con la construcción del currículo de esta universidad campesina, cuando en 2013 realicé actividades con la Cooperación Brasileña en el país de Timor Oriental, y en un segundo momento, en 2017, cuando trabajé como profesora en el instituto como actividad para mi doctorado sándwich en la Universidad Nacional de Timor Lorosa'e. **Resultados/Conclusión:** En cuanto a los resultados y conclusiones, se destaca que, ante la ausencia de una desconexión entre la formación del trabajo y la formación humana, el instituto pone en práctica la Educación Popular como expresión de la cultura rebelde, actuando paralelamente al proceso de sensibilización de los campesinos, Los miembros de la Unión de Agricultores de Ermera (UNAER) también son protagonistas de este proceso educativo, actuando en la difusión y desarrollo de una economía y tecnología ligada a otro modelo social (democrático).

### PALABRAS CLAVE

Educación popular. Universidad. Campesinado. Timor-Leste.

### CRedit

- **Reconhecimentos:** Não é aplicável.
- **Financiamento:** Este estudo é resultado de um doutorado sanduíche realizado junto à Universidade Nacional de Timor Lorosa'e (Timor-Leste) sob financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES/AULP).
- **Conflitos de interesse:** O autor certifica que não tem interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
- **Aprovação ética:** O autor certifica que não tem interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito..
- **Disponibilidade de dados e material:** Não aplicável.
- **Contribuições dos autores:** Há apenas um autor, e portanto, todas as contribuições pertencem ao mesmo.

Editor de Seção: Diego Palmeira Rodrigues

## 1 Apresentação

O presente ensaio é fruto de reflexões acerca da relação entre educação, cultura e democracia, tendo como pano de fundo uma experiência popular de educação que venho realizando desde 2013, quando trabalhei, pela primeira vez, de forma conjunta, com o principal movimento social do campo de Timor-Leste, a União dos Agricultores de Ermera (UNAER), na construção de uma universidade popular do campo, denominada Instituto de Economia *Fulidaidai-Slulu*.

Cabe destacar que essa atividade só foi possível por meio da promoção de uma cooperação educacional realizada na perspectiva sul-sul, num momento da política externa brasileira totalmente distinto da atual, através do Programa de Qualificação de Docentes e Ensino de Língua Portuguesa, promovido pela parceria CAPES/UFSC.

Ainda no que se refere à experiência junto aos camponeses de Timor-Leste, em 2017, por meio do programa de Pró-mobilidade Internacional (AULP/CAPES), na qualidade de doutorado sanduíche, junto a Universidade Nacional de Timor *Lorosa'e*, tive a oportunidade de continuar a pesquisa iniciada em 2013, como docente do Instituto de Economia *Fulidaidai-Slulu* (IEFS).

Assim, este texto objetiva refletir teoricamente sobre a relação entre cultura, educação popular e democracia, apresentando o IEFS como aplicação prática dessa relação, na possibilidade de construção de um outro mundo possível.

## 2 Considerações acerca da educação antipopular

Para início de conversa, cabe aqui fazer o seguinte questionamento: por que falar em Educação Popular e não apenas em Educação?

De forma sintética, a necessidade de reafirmação da Educação Popular, dá-se pelo fato de que a educação escolar, de maneira mais ampla, em especial nos dias atuais, tem se destacado pelo seu caráter antipopular.

Falo aqui da educação escolar, pois, como afirma Martins (2016, p. 45), “Ela é uma das formas que a educação assumiu em determinado contexto histórico”, mas “[...] tendeu (e tende) a absorver toda a função educativa”. (SAVIANI, 2009 apud MARTINS, 2016, p. 45).

Acerca de seu processo educativo, essa perspectiva educacional antipopular, caracteriza-se pelo ato mecânico de depositar o saber nos educandos, sendo estes considerados meros receptores de informações. (FREIRE, 2010, p. 15-17), bem como por não ter como ponto de partida a prática social, desconsiderando, assim, toda uma multiplicidade de saberes experienciais dos indivíduos, gerando o que Santos e Meneses (2009, p. 11) apresentam por

“universalidade descontextualizada”. Esta última se refere a ideia de que a ciência moderna é o único conhecimento válido e possível para todas as sociedades do mundo.

Acerca disso, contrariando esse caráter universal do conhecimento, Gramsci (2001, p. 205) afirma que “Um erro bastante comum é o de crer que toda camada social elabora sua própria consciência, sua própria cultura da mesma maneira, com os mesmos métodos, isto é, com os métodos dos intelectuais profissionais”.

Para Silva (2016), com base em Freire (1987, 2010), tem-se aqui a grande contradição da sociedade burguesa: a tentativa de homogeneização da cultura, adotando apenas a cultura ocidental como única e verdadeira, com o objetivo de legitimar as desigualdades. Nesse sentido, Santos e Menezes (2009, p. 13) afirmam que a “epistemologia ocidental dominante foi construída na base das necessidades de dominação colonial e assenta na ideia de um pensamento abissal”, que tem como procedimento a recusa das experiências de mundo em função da defesa da experimentação<sup>1</sup> do mundo (SANTOS, 2018, p. 26)

Em termos práticos, acerca dessa educação antipopular, tem-se conteúdos desconexos da realidade dos educandos, destacando-se o famoso questionamento apresentado por Freire (2010, p. 17) em relação à Educação de Jovens e Adultos: “Que significação (...), podem ter, para homens e mulheres, (...) que passam um dia duro de trabalho ou, mais duro ainda, sem trabalho, textos como estes, que devem ser memorizados: ‘Asa é da ave’; ‘Eva viu a uva’ (...)?”

E qual o objetivo dessa educação antipopular?

Para Gramsci (1989, 2002), sendo a escola o mecanismo de manutenção da ideologia burguesa, ou seja, da hegemonia política da classe burguesa dominante, a educação visa reproduzir seu ideário de classe, como também o patriarcado e o colonialismo, se acrescentarmos as contribuições Santos (2019).

Martins (2016, p. 54) afirma que as ações educativas (antipopulares) são realizadas na “perspectiva da conservação das relações sociais, pois visam educar indivíduos e grupos sociais para que se integrem harmonicamente na realidade, não reconhecendo as contradições presentes.”

Em outras palavras, segundo Freire (2010, p. 17), objetiva-se formar “(...) seres passivos e dóceis, pois que assim são vistos e assim são tratados, os alunos devem ir recebendo aquela ‘transfusão’ alienante da qual, por isto mesmo, não pode resultar nenhuma contribuição ao processo de transformação da realidade”. Com base em Gramsci (1989, p. 136 - 137), é possível dizer que esse modelo, longe de ser democrático, reafirmava a perpetuação das classes sociais.

---

<sup>1</sup> Como um experimento científico.

O contrário disso é a Educação Popular, ou seja, uma educação como expressão de uma Cultura Rebelde, referente à resistência e à construção contra-hegemônica na perspectiva da autonomia dos sujeitos no processo histórico (BRANDÃO, ASSUMPÇÃO, 2009).

Assim, é pela necessidade de se transformar a realidade, que se faz necessária a reafirmação da Educação Popular como um caminho viável para um outro mundo possível, compreendendo-a como “processo de produção do conhecimento, voltado para a liberdade e para a democracia, que se recusa o autoritarismo, manipulação e ideologização reproduzidas na lógica da educação de mercado”. (STRECK et al., 2014, p. 49).

### 3 Educação Popular: expressão da cultura rebelde

Educação Popular, na perspectiva que trago aqui, não é autoajuda, nem visa a formação de atores sociais profundamente competitivos, individualistas, voltados a um projeto de realização de vida por meio da concorrência na busca pelo “sucesso”.

Trago isso, pois muitas vezes, a concepção de Educação Popular, presente nas obras de Paulo Freire, foi esvaziada no sentido de uma romantização descompromissada com as causas sociais, dando-se, sobretudo, pela exclusão da clivagem de classe.

Em contraposição a isso, Brandão e Assumpção (2009, p. 94) afirmam:

Ora, a educação popular pretende conspirar contra isto. Pretende ser ‘uma outra educação viável’. Sim, uma outra concepção, uma alternativa. Um projeto múltiplo, mas convergente em ser o de uma educação francamente oposta a toda a criação de pessoas, de vocações e de identidades regidas pelo mercado.

Nessa mesma perspectiva, Brandão e Assumpção (2009) acrescentam apresentando essa concepção de educação como expressão de uma Cultura Rebelde, por meio de “Uma radicalidade compreendida no sentido etimológico da palavra: referente à raiz, à origem; no caso da educação popular, referentes à resistência e à construção contra-hegemônica na perspectiva da autonomia dos sujeitos no processo histórico”. (BRANDÃO, ASSUMPÇÃO, 2009, p. 47).

E como é possível pensar a cultura, a educação e a democracia nessa perspectiva de rebeldia?

Na obra “Intelectuais e a Organização da Cultura”, de Antonio Gramsci (1989), o autor apresenta a definição de intelectual, na relação com a cultura, como sendo o membro de um

grupo social e toda massa social que age na organização da cultura. Esta última como fruto de ações pedagógicas.

Com isso, ainda segundo Gramsci (1989), é possível pensar acerca do intelectual orgânico como sendo aquele integrante de determinado grupo, que contribui para a formação de novos intelectuais políticos e participarão da formação cultural contra-hegemônica (cultura rebelde), na perspectiva de outro mundo possível.

Nesse sentido, Brandão e Assumpção (2009, p. 70) afirmam que essa cultura rebelde tem como objetivo desenvolver uma cultura plenamente democrática, isto é:

Uma cultura que afirme a primazia do reconhecimento e da liberdade entre os homens e que, sendo em um primeiro momento uma *cultura de classe* – das classes populares –, venha a ser depois a cultura que se abra ao desvelar do fim das relações antagônicas entre as classes sociais. (BRANDÃO, ASSUMPÇÃO, 2009, p. 70).

Democracia, compreendida, segundo Chauí (2008), através do poder popular dos cidadãos, na busca pela construção de uma sociedade verdadeiramente histórica. E isso está ligado à necessidade de:

Reinvenção do poder, capaz de construir na história uma sociedade plenamente solidária, em que à cultura cabe um duplo papel. O de ser, durante o processo de sua construção, uma instância crítica de democratização efetiva de símbolos, de valores e de significados da vida social. O de ser, em sua completa realização, a própria evidência simbólica da comunicação livre e igualitária entre todas as pessoas. (BRANDÃO, ASSUMPÇÃO, 2009, p. 82).

E como se daria esse processo educativo?

Para responder essa questão, parto aqui dos escritos de Gramsci (1989), em consonância com a Educação Popular na perspectiva da Cultura Rebelde (BRANDÃO, ASSUMPÇÃO, 2009).

De acordo com Gramsci (1989), faz-se necessário que a educação, no caso a Educação Popular, forme intelectuais orgânicos da classe trabalhadora, na luta por uma contra-hegemonia, ou seja, por uma contracultura. Esta última podendo ser interpretada também como cultura rebelde (BRANDÃO, ASSUMPÇÃO, 2009).

E isso se dá por meio do que Gramsci (apud BARBOSA, 2004) denomina como filosofia da práxis, isto é, “como um instrumento de superação de uma concepção acrítica do mundo, fundamentada a partir de elementos extraídos do senso-comum”. (BARBOSA, 2004, p. 102-103). Senso-comum aqui entendido através da prática social.

De forma mais específica, a Educação Popular se destina a trabalhar os conhecimentos que historicamente têm sido sistematizados pelos homens e mulheres (GOHN, 2011), incluindo aqui os saberes populares, aqueles ligados à “prática cognitiva de corpos humanos lutando e pelejando, resistindo e tendo esperança”. (FREIRE, NOGUEIRA, 2014, p. 42).

Em outras palavras, a Educação Popular tem como base “saberes existentes no mundo e, ao mesmo tempo, ancorando a reflexão sobre eles no seu carácter situado e nas condições locais e situadas da validade de cada um deles, aferidas a partir das suas consequências”. (NUNES, 2009, p. 226).

Com base em Santos (2018, p. 24), podemos dizer que a Educação Popular liga-se ao reconhecimento e validação do “conhecimento produzido, ou a produzir, por aqueles e aquelas que têm sofrido sistematicamente as injustiças, a opressão, a dominação, a exclusão, causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado, os três principais modos de dominação moderna”.

Considera-se, nesse significado, que as práticas populares de educação são realizadas com base na própria perspectiva dialógica, “cuja pedagogia pretende dissolver a estrutura vertical do ensino”. (BRANDÃO, ASSUMPCÃO, 2009, p. 53). Cabe destacar, que parto aqui do entendimento do diálogo como posicionamento que se tem diante do conhecimento, envolvendo posições de tese e antítese na relação educador e educando, mas que essa diferença não determina uma hierarquização, pois o que se tem são construções coletivas de um novo conhecimento. Diálogo, então, é um posicionamento filosófico em relação ao conhecimento e ao papel social da educação (SILVA, 2016).

#### 4 Educação Popular: experiência de um outro mundo possível

Como já apontado na apresentação deste ensaio, apresentarei aqui uma experiência popular de educação no Timor-Leste, mais especificamente acerca do currículo e da formação de professores do Instituto de Economia *Fulidaidai-Shulu* (IEFS), ligado ao principal movimento social do campo do país asiático, a União dos Agricultores de Ermera (UNAER).

Contudo, para apresentar esse processo, é importante fazer uma breve explanação sobre o país leste-timorense.

Como ponto de partida, fez-se necessário realizar um pequeno enquadramento espacial do país objeto desta pesquisa. Este se localiza no sudeste asiático, compreendendo uma pequena área de aproximadamente 15000 km<sup>2</sup> (MAPA 01).

Mapa 1. Mapa Político de Timor-Leste



Fonte: *United Nations* (2011)

O contexto atual de Timor-Leste é resultado de processos históricos de invasão, nos quais se destacam como principais agentes: Portugal, no período das Grandes Navegações e do imperialismo (1515-1975); Indonésia, no período da Guerra Fria, sendo que, neste momento, Estados Unidos da América do Norte e a Austrália possuem relevantes papéis: o primeiro fornecendo armamentos e o segundo com o interesse no petróleo presente no mar do sul de Timor (1975-1999).

Após a restauração da independência, conquistada em 2002, em contraposição a séculos de opressão que se manifestaram através da educação bancária (SILVA, 2020), bem como pela concentração de terras exercida pelas forças invasoras, surge a ideia de formação da União dos Agricultores de Ermera (UNAER).

Cabe destacar que a conquista pela restauração da independência de Timor-Leste se deu pela resistência de guerrilha exercida pelos timorenses, em consonância com processos de educação popular que visavam a alfabetização e letramento, como também a formação de paramédicos para atuarem em meio à guerrilha. Essa manifestação educativa é denominada,



por Silva (2020), como Pedagogia *Maubere* e teve grande influência da obra Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire.

Em 2010, houve a consolidação da UNAER, sendo que, desde aquele momento, os camponeses percebem a necessidade de se construir uma escola do campo, mais especificamente, uma universidade que buscasse realizar a formação para o trabalho, ao mesmo tempo em que se buscava a conscientização da luta e o fortalecimento da solidariedade indígena *Fulidaidai-Slulu* na formação de seus próprios intelectuais orgânicos.

Observa-se, nesse sentido, certa semelhança com o que apresenta Gramsci (1989, p. 27) acerca da escola unitária na busca pela “elevação cada vez maior da cultura da massa, fazendo surgir dela mesma a elite de seus intelectuais, capazes de uma ligação teórica e prática.”, que se dá na crítica referente ao significado social da escola profissionalizante italiana, que visava apenas a preparação de mão de obra (GRAMSCI, 1989, p. 117 – 118).

Diante desse quadro, surge o Instituto de Economia *Fulidaidai-Slulu* (IEFS) com o intuito de realizar uma denúncia em relação ao *status quo* e, ao mesmo tempo, construir algo junto com o outro, ou seja, uma nova forma de economia estabelecida no âmbito da solidariedade, buscando favorecer a construção ou consolidação da emancipação dos envolvidos, em especial, do Povo *Maubere*.<sup>2</sup>

Sobre o termo *Fulidaidai-Sululu*, destaca-se que a primeira palavra *Fulidaidai* vem da língua *Makalero*, falada ao sul do município de Lautém e a palavra *Slulu* vem da língua *Mambai*, falada no município de Ermera. Essas duas palavras, baseadas numa solidariedade indígena do Timor-Leste, constituem o conceito de economia *Fulidaidai-Slulu*, que significa *servisu hamutuk* na língua Tétum, ou trabalho conjunto na língua portuguesa, realizado em coletivo, em cooperação ou, ainda, trabalho solidário, aproximando-se do que comumente se denomina, no Brasil, como Economia Solidária.

Como já apontado, a ideia do IEFS surgiu no momento da formação da UNAER, pelos próprios camponeses. A partir de então, essa demanda passou a fazer parte das agendas da Organização Não-governamental (ONG) *Kdadalak Sulimutuk Instituto* (KSI) e do *Peace and Conflict Studies Institute* (*Peace Center*). Este último ligado à Universidade Nacional de Timor Lorosa'e (UNTL)<sup>3</sup>. Em 2013, essa demanda passou, também, a fazer parte da Cooperação Brasileira (PQLP/CAPES), havendo minha inserção nessas atividades em novembro do mesmo ano, a convite do professor Dr. Antero Benedito da Silva (diretor do *Peace Center* e maior intelectual do Timor-Leste).

Destaca-se que os educandos formados nessa universidade popular camponesa serão futuros educadores nas bases da UNAER, já que um dos objetivos desta universidade é criar

<sup>2</sup> Povo de Timor-Leste.

<sup>3</sup> A principal universidade do Timor-Leste.

novos institutos semelhantes pelo país afora. De forma mais específica, os educandos do IEFS serão novos intelectuais, agindo na organização cultural da comunidade, “como trabalho político de luta pelas transformações sociais, como emancipação dos sujeitos, democratização e justiça social”. (BRANDÃO, ASSUMPÇÃO, 2009, p. 12).

Sobre a construção do currículo do IEFS, foram realizados diversos encontros em que os camponeses da UNAER propunham ideias acerca da escola, principalmente referentes a alguns assuntos, como a necessidade de um fortalecimento da agroecologia, no sentido da *Fulidaidai-Slulu* (desenvolvimento de práticas e tecnologias locais/melhor gerenciamento/ensino especializado), juntamente com a luta pela reforma agrária.

Buscou pensar metodologicamente a Educação Popular no sentido de uma concepção libertadora de educação, considerando a autonomia dos sujeitos no processo histórico. Para isso, foi preciso considerar a existência de sujeitos, em que ambos aprendem, incluindo pesquisadores, professores, alunos e os demais envolvidos com a ideia do IEFS.

Nessa perspectiva, não sendo eu membro orgânico daquele grupo, a minha ação sobre as necessidades propostas pelos camponeses, demandou de mim, criticamente, a percepção que delas (necessidades) tenham os camponeses. (FREIRE, 1981, p. 35).

Assim, chegou-se ao currículo<sup>4</sup> do IEFS, apresentado, de forma sintética, no Quadro 1. O currículo é composto por disciplinas que visam discutir acerca dos conhecimentos que historicamente têm sido sistematizados pelos homens e mulheres, em consonância com os saberes do campo.

O primeiro semestre é composto pelas disciplinas “Diversificação da agricultura”, “Escrita do diário” e “Educação Popular”; o segundo é composto pelas disciplinas “Educação Ambiental e Florestal”, “Política da República Democrática de Timor-Leste” e “Economia *Fulidaidai-Slulu*”; o terceiro é constituído pelas disciplinas “Agricultura Integrada”, “Pedagogia *Ukun rasik an*” e “Cultura Popular”; o quarto, e último semestre, inclui as seguintes disciplinas: “Pedagogia da Terra *Maubere*”, “Adubação Orgânica” e “Reforma Agrária”.

Como forma de trazer a aplicação prática do que foi apontado sobre a proximidade da escola unitária, no que se refere a introduzir os educandos no mundo das coisas, das ciências naturais e direitos e deveres (GRAMSCI, 1989, p. 129-130), serão apontados no quadro abaixo os objetivos de cada disciplina.

---

<sup>4</sup> De forma mais aprofundada, tanto a construção da escola quanto seu currículo são melhor discutido em Urban, Silva e Linsingen (2020).

**Quadro 1.** Disciplinas do Instituto de Economia *Fulidaidai-Slulu* e seus respectivos objetivos/características

	DISCIPLINAS	OBJETIVOS/CARACTERÍSTICAS
SEMESTRE 1	Diversificação da agricultura	Práticas acerca da diversificação da produção agrícola – cultivo para a venda e para o consumo próprio da comunidade
	Escrita do diário	Compreender a situação atual do acesso à terra e demais problemas da comunidade por meio das narrativas comunitárias
	Educação Popular	Refletir sobre a educação popular do passado e do presente no Timor-Leste e no mundo, através de propostas metodológicas
SEMESTRE 2	Educação Ambiental e Florestal	Práticas sobre o cultivo agroecológico, levando em conta a preservação ambiental em conjunto com os saberes locais
	Política da República Democrática de Timor-Leste	Compreender as estruturas de poder do Timor-Leste, tendo em vista desenvolver as lutas pela emancipação dos camponeses leste-timorenses, para se fazer valer a democracia.
	Economia <i>Fulidaidai-Slulu</i>	Com base em experiências reais e atividades econômicas da comunidade, discutir e desenvolver na prática essa manifestação econômica solidária, visando a democracia.
SEMESTRE 3	Agricultura Integrada	Desenvolvimento da agroecologia relacionada ao desenvolvimento da Tecnologia Social
	Pedagogia <i>Ukun rasik an</i> <sup>5</sup>	Desenvolver o conhecimento pedagógico, teórico e prático, como continuidade da disciplina “Educação Popular”, buscando a formação de intelectuais orgânicos, com base nas experiências populares de educação leste-timorense <sup>6</sup> .
	Cultura Popular	Refletir sobre as culturas <i>Buibere</i> <sup>7</sup> e <i>Maubere</i> , não como estáticas, mas de uma forma dinâmica, que emerge constantemente. Também, procura-se entender o conhecimento tradicional de Timor-Leste relacionado à agricultura, abrangendo o termo <i>Fulidaidai-Slulu</i>
SEMESTRE 4	Pedagogia da Terra <i>Maubere</i>	Formar intelectuais na perspectiva da ancestralidade leste-timorense, de interrelação entre natureza e ser humano
	Adubo orgânico	Trabalha com a Tecnologia Social, relacionada ao processo de adubação, com base nos saberes populares e aqueles advindos da ciência moderna
	Reforma Agrária	Organizar a luta pelo acesso e distribuição de terras em Timor-Leste, utilizando-se não apenas do ativismo, mas também da reflexão.

Fonte: Elaboração própria

<sup>5</sup> Emancipação/Libertação na língua Tétum (oficial em Timor-Leste).

<sup>6</sup> Ler Silva (2011)

<sup>7</sup> *Maubere* se refere ao sexo masculino; *Buibere* ao sexo feminino. Ambos significam povo de Timor-Leste.

Por fim, cabe destacar que, atualmente, o IEFS, em consonância com a UNAER, por meio de uma solidariedade indígena (*Fulidaidai* e *Slulu*), parte de práticas do cooperativismo local, manifestando-se desde a produção agroecológica de café e alimentos diversos, até a construção de casas para a comunidade com a renda advinda do comércio équo solidário, ligado, sobretudo, à exportação de café, para as chamadas *Green Cooperatives*, do Japão.

Assim, seu currículo<sup>8</sup> é composto por disciplinas que visam discutir acerca dos conhecimentos que historicamente têm sido sistematizados pelos homens e mulheres, em conformidade com os saberes do campo, objetivando “fomentar a participação popular no controle social das políticas públicas e nos espaços de democracia participativa”. (BRANDÃO, ASSUMPCÃO, 2009, p. 98).

## 5 Considerações finais

Portanto, parto aqui de que o Instituto de Economia *Fulidaidai-Slulu* pode ser interpretado como utopia de universidade para o século XXI, no sentido de uma alternativa para a construção de conhecimentos e práticas inclusivas e emancipatórias, que não visam uma conformação para o mercado, mas sim a construção de um outro mundo possível, pois seu contexto de aplicação se dá por meio da cooperação e da solidariedade entre pesquisadores e organizações não governamentais, movimentos sociais (SANTOS, 2011, p. 43).

Todo esse processo perpassa pela construção de uma cultura contra-hegemônica, ou seja, pela construção de uma cultura rebelde que está diretamente ligada a um outro mundo possível, perpassando pela construção da democracia.

Além disso, não havendo uma desvinculação entre formação de mão de obra e formação humana, o IEFS põe em prática a Educação Popular como expressão da cultura rebelde, atuando junto ao processo de conscientização dos camponeses, sendo que os próprios membros da União dos Agricultores de Ermera (UNAER) são também protagonistas desse processo educativo, atuando na disseminação e desenvolvimento de uma economia e de uma tecnologia ligada a outro modelo societário, e na produção de alimentos em conjunto com a exportação do café por meio da produção agroecológica.

Em meio a tantas desesperanças proporcionadas pelo avanço do colonialismo, do capitalismo e também do patriarcado, o Instituto de Economia *Fulidaidai-Slulu* (IEFS) surge como um sopro de esperança que, partindo da escala da micropolítica, pode vir a ser base para uma transformação na escala macro.

---

<sup>8</sup> De forma mais aprofundada, tanto a construção da escola quanto seu currículo são melhor discutido em Urban, Silva e Linsingen (2020).

## Referências

- BARBOSA, Lia Pinheiro. Cultura e Educação no pensamento Gramsciano. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 35, n. 2, 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/issue/view/722>. Acesso em: 25 jan. 2021.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ASSUMPÇÃO, Raiane. **Cultura rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora**. 1 ed. São Paulo, SP: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. 107 p. ISBN 9788561910297.
- CHAUI, Marilena. Cultura e democracia. **Revista latinoamericana de Ciencias Sociales**, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2021.
- FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. 13 ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2010. 176 p. ISBN 9788577530236.
- FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa. *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1981. 211 p.
- LEMONS, Cristina. Inovação na era do conhecimento. *In*: LASTRES, Helena Maria Martins; ALBAGLI, Sarita. **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 1999. 318 p. ISBN 853520489X.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1987. 184 p. ISBN 8521900058.
- FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: Teoria e Prática em Educação Popular**. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 92 p. ISBN 9788532605795.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação Não Formal e Cultura Política**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011. 128 p. ISBN 9788524917233.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere: notas sobre o Estado e a política**. 4 ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 432 p. ISBN 9788520005378.
- GRAMSCI, Antonio. **Intelectuais e a Organização da Cultura**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1989.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere: volume 2 – Os intelectuais, O princípio educativo, Jornalismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 332 p. ISBN 8520005128.
- MARTINS, Marcos Francisco. Educação não escolar: discussão terminológica e mapeamento dos fundamentos das tendências. **Revista Contrapontos - Eletrônica**, Itajaí, v. 16, n. 1, 2016. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/7609#:~:text=O%20artigo%20proble>

matiza%20as%20terminologias,sustentado%20no%20materialismo%20hist%C3%B3rico%20dial%C3%A9tico. Acesso em: 12 dez. 2020.

NUNES, João Arriscado. O resgate da Epistemologia. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: CES, 2009. 518 p. ISBN 9789724037387.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. 3 ed. São Paulo, SP: Cortez, 2011. 116 p. ISBN 9788524916069.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Na oficina do sociólogo artesão: aulas 2011-2016**. 1 ed. São Paulo, SP: Cortez, 2018. 405 p. ISBN 9788524927089.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. 1 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2019. 478 p. ISBN 9788551304846.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. 1 ed. Coimbra: CES, 2009. 518 p. ISBN 9789724037387.

SILVA, Antero Benedito da. **FRETILIN Popular Education 1973-1978 and its relevance to Timor-Leste today**. 2011. 327 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – University of New England, Victoria, 2011.

SILVA, Antero Benedito da. Literacy model of the Maubere Pedagogy. *In*: URBAN, Samuel Penteadó; SILVA, Antero Benedita; LINSINGEN, Irlan von. **Popular education in Timor-Leste: past and present experiences**. Mossoró, RN: EDUERN, 2020. 107 p. ISBN 9786599134487.

SILVA, Antonio Fernando Gouvêa da. **Mesa-redonda - Freire e Saviani: proximidades e distanciamentos**. GPTeFE (Grupo de Pesquisa Teorias e Fundamentos da Educação) e PPGED (Programa de Mestrado em Educação), Sorocaba, 2016.

STRECK, Danilo R. et al. **Educação Popular e Docência**. 1 ed. São Paulo, SP: Cortez, 2014. 214 p. ISBN 9788524923111.

UNITED NATIONS (UN). **Joint Program: Promoting Sustainable Food and Nutrition Security in Timor-Leste**. Final Report. Díli, 2011. 49 p. Disponível em: [http://www.mdgfund.org/sites/default/files/Signed\\_JP\\_Timor\\_Leste\\_Children\\_Sept09.pdf](http://www.mdgfund.org/sites/default/files/Signed_JP_Timor_Leste_Children_Sept09.pdf). Acesso em: jan. 2016.

URBAN, Samuel Penteadó; SILVA, Antero Benedita; LINSINGEN, Irlan von. The *Fulidaidai-Slulu* Institute of Economics: Popular Education and Peasant Struggle. *In*: URBAN, Samuel Penteadó; SILVA, Antero Benedita; LINSINGEN, Irlan von. **Popular education in Timor-Leste: past and present experiences**. Mossoró: EDUERN, 2020. 107 p. ISBN 9786599134487.